



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.



## Uma das mais relevantes contribuições para o estudo da Bíblia

Núcleo Fé e Cultura

Há 75 anos, três jovens beduínos procuravam uma cabra perdida nas colinas do deserto da Judeia, perto do Mar Morto, território então pertencente ao Reino da Jordânia. Nessa excursão, acabaram atingindo, sem se darem conta da importância da descoberta, muitos dos mais preciosos textos religiosos da Antiguidade: milhares de fragmentos de manuscritos, alguns em estado lamentável, outros bem extensos e em condições melhores de preservação. A sorte de tais materiais foi muito diversificada, desde a venda de pergaminhos (peles de animais) para a confecção de cordões de sandálias, até cortes das maiores peças em pedaços menores para serem vendidos no varejo a colecionadores e aventureiros.

Onze cavernas abrigavam todo o material. Identificado como preciosa fonte de pesquisa, foi logo procurado por diversas instituições: universidades, religiões, governos, arqueólogos, paleontólogos, mas também comerciantes de antiguidades etc. O governo da Jordânia confiou a direção da exploração científica dos materiais à *École Biblique et d'Archéologie Française de Jérusalem*, mantida pela Ordem dos Pregadores (Dominicanos), dirigida pelo Padre Roland Guérin De Vaux OP, já notável arqueólogo, historiador, linguista e exegeta. Constituída uma equipe com sábios de várias nações, deu-se início a um trabalho minucioso. Grande parte dos manuscritos, restaurados, já foram publicados e são objeto de estudos aprofundados, comentários e atualizações. Atualmente, a maior parte dos manuscritos está sob custódia do Museu ou Santuário do Livro, em Jerusalém, embora vários manuscritos estejam também em Amã, capital da Jordânia.

**Os Manuscritos do Mar Morto e a Bíblia.** Os manuscritos, que contêm tanto textos bíblicos quanto não-bíblicos, estavam enrolados dentro de grandes potes de cerâmica. A maior parte era constituída de pergaminhos (couro de cabras, ovelhas), mas havia também textos em papiros (material vegetal) e alguns em finas lâminas de cobre. A maioria foi escrita no idioma



### MANUSCRITOS DO MAR MORTO

75º Aniversário da Descoberta

*Celebrando o Mês da Bíblia, como é conhecido o mês de setembro na Igreja Católica, por causa da festa de São Jerônimo (no final do mês), patrono dos estudos bíblicos, a Pastoral Universitária e a Cátedra de Estudos Judaicos da PUC-SP, em colaboração com a Sociedade Bíblica do Brasil e o Centro Universitário Assunção (Unifai), organizaram uma exposição de fotos, bibliografias e palestras para apresentar os Manuscritos de Qumran, importantíssimos para a nossa visão contemporânea da Bíblia*

hebraico, mas também se encontraram textos em aramaico, nabateu e grego.

Os textos encontrados reúnem cópias de todos os livros do Cânon hebraico da Bíblia (que os cristãos

chamam de Antigo ou Primeiro Testamento), com a única exceção do Livro de Ester. Entre os textos não bíblicos, destacam-se, sobretudo, documentos que dizem respeito à vida da comunidade que produziu tais ma-

nuscritos, seus hábitos, sua liturgia, sua hierarquia etc.

Estima-se que essa documentação tenha mais de dois mil anos. As análises dos melhores laboratórios atestam que os materiais encontrados remontam pelo menos ao segundo século antes de Cristo. Se não há dúvidas quanto à datação, pairam, porém, ainda algumas dúvidas sobre quem teria produzido tais manuscritos.

A teoria mais corrente entre os especialistas diz que tudo provém de uma seita judaica monástica, os Essênios, que vivia num assentamento vizinho ao deserto da Judeia, que em árabe se chama *Khirbet Qumran* (ruínas de Qumran). Teriam sido, portanto, os redatores dos documentos, os copistas dos textos. Essa seita é atestada pelo historiador judeu Flávio Josefo (37-100 dC), que escreveu sobre ela na obra *Antiguidades Judaicas*. Outro autor que a mencionou foi o filósofo judeu Filão de Alexandria (20 aC-50 dC), embora este aproxime os Essênios de um fenômeno mais urbano do que de uma comunidade eremítica. Há quem atribua os documentos a mais de um grupo, achando que tal quantidade de manuscritos não poderia pertencer somente a uma pequena comunidade. Talvez um grupo tenha feito as cópias, e outro as tenha ocultado nas cavernas, na iminência de uma invasão. São teorias ainda em discussão.

#### EXPOSIÇÃO NA PUC-SP

A exposição sobre os Manuscritos do Mar Morto, organizada pela Pastoral Universitária e a Cátedra de Estudos Judaicos da PUC-SP, em colaboração com a Sociedade Bíblica do Brasil e o Centro Universitário Assunção (UNIFAI), ficou durante o mês de setembro no campus Monte Alegre da PUC-SP.

Em outubro, a Mostra poderá ser vista no Unifai, Rua Afonso Celso, 671/711 - Vila Mariana, São Paulo - SP. A partir de novembro, os 44 painéis que compõem a Mostra estarão disponíveis para instituições que queiram exibi-la em seus espaços. Para isso, é preciso contatar a Coordenadoria de Pastoral Universitária da PUC-SP, no e-mail [pastoralpuc@pucsp.br](mailto:pastoralpuc@pucsp.br).

# Os Manuscritos do Mar Morto e o Cristianismo

Domingos Zamagna\*

A partir de 1949, um sábio do prestigioso *Collège de France*, André Dupont-Sommer (1900-1983), tornou-se o arauto de uma aproximação do Cristianismo com a seita judaica dos Essênios, prováveis autores dos Manuscritos do Mar Morto. Dava curso a uma opinião bastante difundida entre os intelectuais do século XVIII, mas servia-se dos manuscritos recém-descobertos no deserto da Judeia para explorar a ideia de um “Mestre de Justiça”, figura importante entre os Essênios, guia supremo dos eleitos da “comunidade da nova aliança”. Do Mestre de Justiça a Jesus de Nazaré, na concepção de muitos, apressadamente, era só um pulo. Jesus seria uma reencarnação do Mestre de Justiça, pregando a oração, a penitência, a humildade, o amor ao próximo, a castidade e a observância à Lei de Moisés, mas agora acabada, perfeita, graças às suas próprias revelações. Foi vítima das hostilidades dos sacerdotes, condenado, supliciado. Tal como o Mestre de Justiça, Jesus proferiu o julgamento sobre Jerusalém, que acabou sendo castigada, destruída. E teria fundado uma nova seita, entre as tantas que já existiam em Israel, cujos fiéis aguardavam seu retorno glorioso...

Muitas semelhanças, impossíveis de não serem percebidas. Mas a exegese é o saudável exercício da suspeição e não devemos correr o risco de leituras fundamentalistas.

**Jesus e o seu tempo.** O ponto de partida para uma visão mais abalizada nos sugere outro itinerário de leitura. O Judaísmo dos últimos séculos antes da era cristã era diversificado, havia tradições de mestres mais ou menos conservadores, avanços e retrocessos, práticas elitistas e populares, conflitos e revisões. Jesus e seus discípulos tiveram, portanto, um berço cultural comum que deu margem aos primeiros discursos e narrativas cristãos, quaisquer que fossem suas diferenças doutrinárias. Normal, então, que se encontrem elementos comuns, parecidos, quicá idênticos nos ensinamentos judaicos e cristãos. Podemos identificar alguns: a escolha do deserto como elemento purificador, o cumprimento das Escrituras, a mística das bem-aventuranças, o reinado eterno e pacífico do Filho de Deus, a ceia festiva do fim dos tempos, a penitência e o perdão dos pecados, a comunhão dos

*Sem a leitura reflexiva e orante da Bíblia, é impossível aprofundar-se no Cristianismo. Por isso, a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, que mostram a fidelidade da Bíblia aos textos judaicos do tempo de Jesus e ajudam a entender os tempos evangélicos, é uma das maiores contribuições da arqueologia para a fé cristã*

santos, as obras da Lei, o perigo da carne, as noções de messianismo etc.

Claro, porém, que o Cristianismo teve uma identidade. Resumidamente, podemos dizer que Jesus fez uma opção de vida. Precisou, por isso, aproximar-se das forças vivas do Judaísmo e afastar-se do que significava “odres velhos”, “sepulcros caiados”, “observantes fundamentalistas da Lei”, “preferência mais ao ritualismo do que à miseri-

Foi alguém aberto a fontes renovadas de inspiração e de formulação de sua intuição central, o Reino de Deus. A obra missionária deste Mestre foi diferente de outros, “porque falava com autoridade”, não foi mero repetidor. E teve uma reverberação – por que não falar êxito? – inclusive muito rápida. Pela primeira vez, a partir da bacia do Mediterrâneo, o mundo conheceu algo de realmente “novo”: homens e

sias anunciado e esperado por séculos.

Jesus consumou sua obra por meio de palavras e gestos, narrados por seus seguidores durante cerca de dois séculos. Essas narrativas foram feitas tendo o Antigo Testamento como ponto de partida, como lastro cultural, de tal modo que a leitura do Novo Testamento se torna difícil sem o conhecimento do Antigo. O Novo Testamento está todo embebido da linguagem do Antigo. Conhecer bem o Antigo Testamento ajuda a entender quem foi Jesus. Por isso, um cristão lê e estuda o Antigo Testamento, é um valor do qual não podemos abrir mão.

Não temos os originais do Antigo Testamento, obra de muitos autores, em diversas épocas e em vários lugares. Mas também não temos originais

da *Ilíada*, da *Odisseia*, dos *Diálogos de Platão*, tratados de *Aristóteles* etc. Nossas Bíblias foram editadas a partir de manuscritos da Idade Média. O mais antigo e completo deles remonta ao século XI (1008), chamado *Códex de Leningrado*. Por isso, muitos argumentavam que se trata de um texto muito tardio. Mais de mil anos o separa do final da redação da *Bíblia Hebraica*. É aqui que entra a importância dos manuscritos encontrados no deserto da Judeia, há 75 anos. Como estes são datados do século II antes da era cristã, é possível fazer a comparação entre os códices medievais e as cópias anteriores à

era cristã. E esta comparação revelou a extrema fidelidade na transmissão do texto bíblico, com diferenças mínimas. Daí a extrema relevância desses Manuscritos do Mar Morto.

O Cristianismo não é a religião do livro, é a vivência comunitária da Palavra de Deus, encarnada, que contém a verdade para a salvação. Uma obra que nos transmite a revelação divina, um diálogo de Deus com a humanidade (cf. *Verbum Domini*, VD 7). A *Bíblia Sagrada* não é uma obra para eruditos, para malabarismos editoriais. É voltada para os simples, dotados de abertura de espírito, para nos fazer felizes. As Igrejas e academias fazem grande esforço para oferecer boas edições, com toda exatidão e beleza, que merecem nosso estudo. Indiferença diante da *Sagrada Escritura* pode indicar uma civilização em vias de mediocritação.



manuscritosdomarmorto.com

córdia”, “manipuladores da religião”, “quem mais deseja ser servido do que servir” etc. As forças vivas da nação estavam com os pobres, os marginalizados, e foi com eles que Jesus se identificou. Optou pelas ovelhas perdidas, pela samaritana, pelos pequeninos, pela viúva, pelos famintos, pelos pecadores que desejavam a mudança de vida. E para isso não se tornou eremita, não precisou fazer prestidigitações: limitou-se a anunciar uma notícia feliz (“Evangelho”) da parte do Pai, entregar sua vida para a salvação de todos (Páscoa) e prometeu o envio do Espírito (Pentecostes) para formar uma nova comunidade, sinal de um Reino de verdade, liberdade, justiça, amor e paz. Não ofereceu receitas, deixou que a comunidade criasse sua história, sua missão, como fermento na massa.

Jesus viveu e evoluiu em contato com as correntes de ideias da sociedade da qual fez parte. Mas não foi adepto exclusivo de nenhuma delas.

mulheres, adultos e crianças, senhores e escravos, judeus e não judeus, sentavam-se juntos na mesma mesa, aceitavam ser julgados pela mesma Palavra, comiam o mesmo pão, bebiam do mesmo cálice, amavam-se fraternalmente, até os inimigos, como o Mestre lhes ensinou.

**Os Manuscritos do Mar Morto e o Antigo Testamento.** Os Livros Sagrados a que chamamos de Antigo Testamento, escritos por judeus e para judeus, não podem ser pirateados por ninguém. Contêm a pedagogia de Deus para formar um povo, não por qualidades excepcionais, mas porque “eram o menor de todos os povos” (Dt 7,7). Esta é a feição de Deus, a preferência pelo menor. Mas o Antigo Testamento é uma obra aberta ao desígnio de Deus – e a pedagogia de Deus tudo preparou para o envio de seu Divino Filho, encarnado na pessoa de Jesus de Nazaré, plenitude da revelação, o Mes-

# O Evangelho segundo São João e os Manuscritos do Mar Morto

Padre Gilvan  
Leite de Araújo\*

Reprodução

*O artigo a seguir procura apresentar alguns traços da riqueza que os Manuscritos do Mar Morto trouxeram para o estudo dos textos do Novo Testamento. Com certeza, vários aspectos a respeito dos livros neotestamentários terão que ser revistos. Devemos estar abertos às pesquisas que continuarão, para a melhor compreensão do texto bíblico*



O século XX foi, sem dúvida, um tempo de grandes avanços nas pesquisas bíblicas. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia, principalmente da computação, ao lado das grandes descobertas arqueológicas, permitiram, podemos dizer, uma reviravolta copernicana do universo das Sagradas Escrituras. Entre essas descobertas, destacam-se os Manuscritos do Mar Morto (ou Manuscritos de Qumran). Passados 75 anos de sua descoberta, tais manuscritos têm suscitado calorosos debates acerca da sua relação com os textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

**Os Manuscritos e o movimento essênio.** Em função dos achados de Qumran, os estudiosos têm-se indagado sobre a relação dos Essênios com Jesus e João Batista. Alguns sinais permitem tal debate. O batismo pregado por João Batista estaria em relação com os abundantes banhos rituais praticados pelos Essênios? Tal questão não surge ao acaso. João Batista, sendo filho de Zacarias e, portanto, sacerdote, teria se vinculado ao movimento essênio, que era um movimento sacerdotal dissidente do movimento sadoquita de Jerusalém? Assim, a sua “ida para o deserto” teria sido a sua vinculação a este movimento?

Por outro lado, devemos recordar que Jesus não era de família sacerdotal. Contudo, a última ceia, conforme aparece nos Sinóticos, ocorreu no bairro essênio de Jerusalém. Seria mera coincidência? Vamos complicar mais um pouco. Na última ceia, Jesus faz a bênção do pão e do vinho, relacionando-os com o seu corpo e sangue. Qual é o problema? O vinho não fazia parte da ceia judaica à época de Jesus. Tal prática aparece ao final do I século a.C., dentro da comunidade essênia, conforme narra o Livro de Jubileus (Jub 49), um livro religioso judaico bem conhecido nos primeiros séculos do Cristianismo, que foi encontrado entre os Manuscritos do Mar Morto, e passou a fazer parte da ceia pascal judaica somente a partir do século II d.C. Podemos ampliar a questão se levarmos em conta que Paulo se converte quando viaja para Damasco a fim de capturar cristãos. A questão é que Damasco era co-

nhecida por ser um ambiente essênio. Teriam os Essênios logo assimilado o Cristianismo? Caso positivo, por quê? Como se vê, as indagações continuam abertas.

**O Quarto Evangelho.** Grande parte do material descoberto encontra-se deteriorado, em pequenos fragmentos que, ainda hoje, estão sendo unificados, como numa atividade de quebra-cabeça. Além da tarefa de reconstrução dos textos fragmentados, existe a tarefa de interpretação dos conteúdos do material. Na atividade de interpretação, para exemplificar com apenas um livro do Novo Testamento, se tem evidenciado a similaridade com o Evangelho segundo São João. Tal proximidade tem levado os pesquisadores a se indagarem sobre sua origem e mensagem. Antigas concepções sobre este Evangelho caíram por terra, exigindo um esforço renovado de pesquisa.

Por exemplo, a fama de antisemitismo ou antijudaísmo joanino exige ser repensada, em função da própria configuração deste Evangelho. Nele, Jesus afirma que a salvação vem de Judá (Jo 4,22). Além disso, é narrado que um grupo de judeus está com medo dos judeus (Jo 7,11-13). O que isso significa? Deve-se ponderar, ainda, que o autor deste Evangelho menciona diversos grupos dentro de Judá e fora dele: mestres da Lei, fariseus, saduceus, chefe dos sacerdotes, sumo-sacerdote, samaritanos, gregos, assim por diante. Portanto, existe uma pluralidade de pessoas e/ou etnias interagindo no universo joanino. Isso também permite refutar indagações como, por exemplo, de que o uso “dos judeus” poderia se referir ao autor escrevendo para gentios ou uma depreciação do Judaísmo. Além do mais, o contexto interno do Evangelho não permite afirmar que este tenha sido o último a ser escrito e dirigido ao universo pagão.

Temas como “luz e trevas” (presente nos Manuscritos reunido no rótulo “Regra da Comunidade”, 1QS 3,19) ou “morte e vida” eram vistos como resultados de influências do gnosticismo do século I d.C., como por exemplo, do

valentianismo alexandrino. Os manuscritos de Qumran demonstraram que esse tipo de dualidade já estava presente no universo literário judaico de Israel no período anterior ao nascimento de Jesus Cristo, permitindo desvincular o Evangelho deste contexto.

Isso veio corroborar a desconfiança de alguns pesquisadores sobre a datação e local de origem do Quarto Evangelho. Por exemplo, a menção às festas de Israel, por si, já refuta teorias pré-concebidas sobre origem e datação deste evangelho. De fato, é inconcebível a ideia de um público proveniente da gentilidade como alvo do redator final. Caso isso fosse verdade, o autor jamais teria dedicado quatro capítulos para descrever Jesus participando da Festa das Tendias e da celebração da Dedicção (Jo 7-10). A primeira, segundo Plutarco, “era uma medíocre cópia da grandiosa festa de Baco”. Este é o motivo pelo qual a maior festa de Israel não é mencionada pelos Sinóticos. Por outro lado, na relação entre João e Qumran, encontram-se traços sensíveis dentro do próprio evangelho que demonstram proximidade do autor com os Essênios. Durante a narrativa da Festa das Tendias (Jo 7-8), a certa altura Jesus afirma: “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu Dia. Ele o viu e encheu-se de alegria!” (Jo 8,56). Esta afirmação só é compreensível por meio do Livro de Jubileus, quando narra que a Festa das Tendias fora criada por Abraão para celebrar sua exultação ao saber que seria pai de Isaac (Jub 16,17). Não somente isso, que fora Jacó a instituir o sacerdócio levita para presidir a Festa de Deus (Jub 32). A narrativa do encontro de Jesus com Natanael, principalmente a afirmação de que este verá os anjos subindo e descendo sobre o Filho do Homem (cf. Jo 1,45-51) não está diretamente relacionada com o Sonho de Jacó (Gn 28,10-17), mas com a reelaboração essênia sobre o Templo de Jerusalém (Jub 32).

Outros traços dos Manuscritos do Mar Morto são evidenciados no Quarto Evangelho. A Regra da Comunidade (1QS) apresenta diversos temas que encontramos no texto evangélico: o

duplo uso do Amém (=Verdade) nas falas de Jesus é típico de Qumran (1QS 1,20; 2,10.18), bem como os temas do Espírito da Verdade (Jo 14,17; 15,26; 16,13 // 1QS 3,18; 4,21.23); filhos da luz (Jo 12,36 // 1QS 3,13.24.25); luz da vida (Jo 8,12 // 1QS 3,7); obras de Deus (Jo 6,28 // 1QS 4,4); obras más (Jo 3,19 // 1QS 4,10.20).

O tema do Templo é muito interessante. O Jesus sinótico desenvolve sua atividade missionária em torno da Sinagoga, enquanto o Jesus joanino em torno do Templo. Além do mais, a expressão “sinagoga” aparece somente duas vezes neste Evangelho e de forma indireta. Este foco sobre o Templo é encontrado nos Manuscritos do Mar Morto, pois os Essênios reconhecem a importância do Templo de Jerusalém, mas contestam o sacerdócio que lá atuava. Assim, tanto o Quarto Evangelho como Qumran descrevem um novo Templo, um Templo espiritual, diferente da tradição petrino-paulina que descreve o cristão como um templo/santuário.

\*Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia – PUC-SP



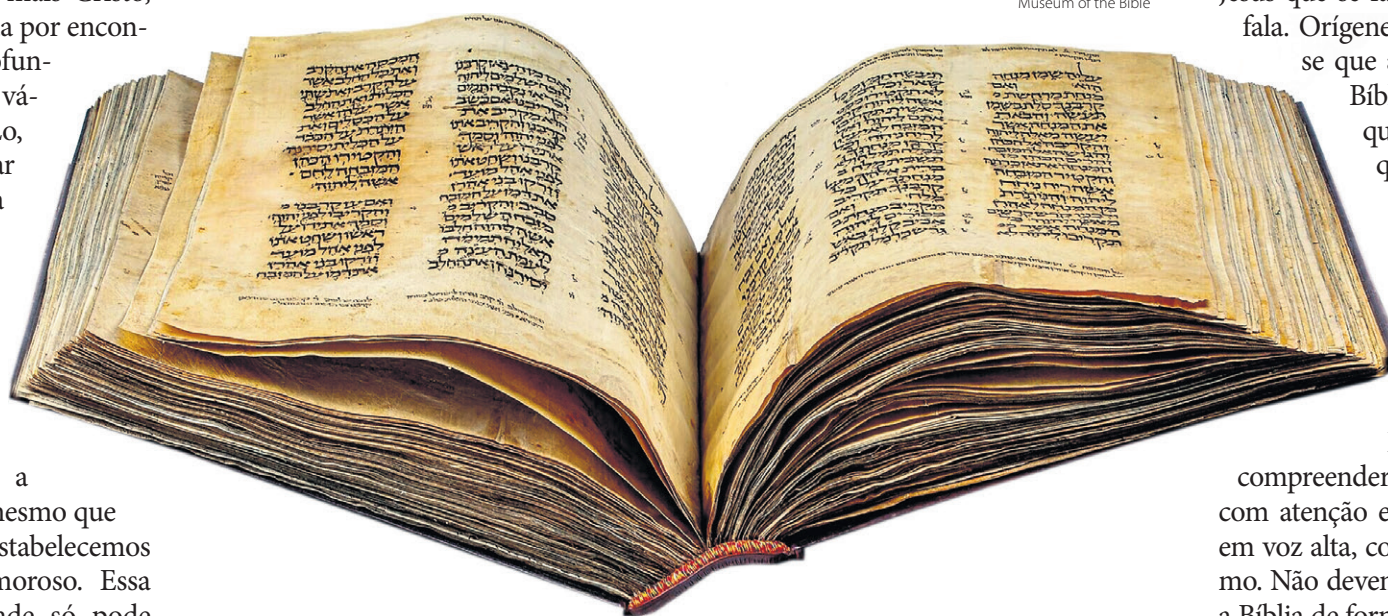
# Escutemos a Bíblia

Monja beneditina  
camaldolense

Todos conhecemos a famosa afirmação de São Jerônimo: “Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo” (cf. [Prólogo ao comentário do profeta Isaías](#)). E sabemos disso pela nossa própria experiência de ter um coração ansioso por conhecer cada vez mais Cristo, com uma busca contínua por encontrá-Lo cada vez mais profundamente. Tentamos de várias maneiras conhecê-Lo, encontrá-Lo, conformar a nossa mentalidade à Dele. Buscamos a Deus por meio da oração, da liturgia, do serviço, do estudo, da contemplação da natureza e da beleza da criação. A Bíblia não é um manual para conhecer a Deus. Nela, é com Ele mesmo que nos familiarizamos e estabelecemos um relacionamento amoroso. Essa maravilhosa familiaridade só pode ser adquirida pela leitura da Bíblia.

Desejamos tanto isso, mas quando finalmente estamos prontos para tomar o Livro da Sua Palavra em nossas mãos, ficamos com medo: como posso enfrentá-Lo? Como posso me aproximar Dele presente nas Escrituras? Como faço para que realmente aconteça um encontro? Não devemos ter medo. O primeiro passo, único e necessário, é simplesmente pegar o Livro e ler. Ler, ler, ler... Ao ler, ou-

*Muitas vezes, queremos ler e estudar a Bíblia como se fosse um livro de história ou um tratado de Filosofia. Estudar e entender a Bíblia é necessário e importante, mas – antes de tudo – é Deus que nos fala com amor. Um encontro pessoal, que se realiza por meio do texto*



Museum of the Bible

vimos. Quando lemos, Deus, de fato, fala conosco e a nossa leitura se torna ao mesmo tempo escuta. Você só conhece um ente querido ouvindo-o, dando-lhe tempo para se expressar. A Bíblia é a história que Deus nos conta sobre Si mesmo, sobre seu amor por nós, por você que a lê.

Nos seus ensinamentos, os monges citam frequentemente uma máxima do Papa Gregório Magno: “A Palavra de Deus cresce junto com quem

a lê” (*Divina eloquia cum legentescunt*). Quanto mais lemos e ouvimos, mais cresce nossa compreensão e familiaridade com o texto. Pessoas, acontecimentos, palavras, emoções, imagens que falam nos textos, iluminam o texto com outro texto. Você pode ler a Bíblia com a Bíblia. Na Bíblia de Jerusalém, ao lado do texto podemos encontrar algumas coleções de textos semelhantes que remetem o leitor a um estudo mais aprofun-

dado. Com o tempo, ao se tornarem íntimos e familiarizados com o texto, todos podem preparar sua própria coleção de textos por conta própria.

Santo Agostinho afirmou que na Bíblia ou é Jesus quem fala ou é de Jesus que se fala ou é a Jesus que se fala. Orígenes, por outro lado, disse que as palavras escritas na Bíblia nada mais são do que as palavras de amor que o noivo Jesus troca com sua noiva, a Igreja. Se abordarmos a Escritura com esta consciência, não teremos dificuldade em ouvir a voz de Deus.

Primeiro, você deve compreender bem o texto: leia-o com atenção e, às vezes, se possível, em voz alta, contando-o para si mesmo. Não devemos ter medo de tratar a Bíblia de forma pessoal, destacando as coisas que são importantes para nós, fazendo anotações com os *insights* que recebemos ao ler o texto. O texto encontrado com amor atua em nós. Os Padres da Igreja tinham extrema confiança na Palavra. A própria Palavra tem o poder de crescer em nós, mesmo que não o percebamos. A Palavra produz frutos por si mesma. É o Senhor quem age em nós. O que podemos fazer é guardar e agir com amor, com discrição e em silêncio.

# O castelo de vidro

Rafael Ruiz\*

Em 2008, a jornalista Jeannette Walls publicou um *bestseller* autobiográfico sobre a atribulada vida da sua família e como de uma infância muito difícil e, por vezes, à beira da insanidade e dos abusos, chegou a tornar-se uma colunista de prestígio, escrevendo para o *New York Magazine* e o *USA Today*. E em 2017, o diretor Destin Cretton levou essa história ao cinema. E a Netflix a oferece na sua plataforma.

O filme vai e volta num contínuo *flash black*, com o presente em 1989, quando Jeannette já é uma reconhecida jornalista e está a ponto de se casar, para os anos em que morava com seus pais e irmãos.

Dostoiévsky chegou a dizer que não havia nada mais surrealista do que a própria realidade e, depois da primeira meia hora do filme, já dá para concordar com ele. É difícil acreditar que tanto o pai quanto a mãe, magnificamente interpretados por Woody Harrelson e Naomi Watts, possam ser pessoas tão irresponsáveis e tão fora do real com relação ao cuidado e educação de seus filhos. Com o pretexto de

liberdade, de uma anarquia contra o sistema e de querer viver uma vida de aventuras e sem compromissos, esquecem-se e descuidam das atenções mais elementares e corriqueiras para se ter com crianças, que ainda por cima são seus filhos.

Os pais vivem fugindo de tudo e de todos, precisamente porque devem a tudo e a todos: Receita Federal, Polícia, enfermeiras, médicos, mestres... e os filhos vão aprendendo a viver enquanto sobrevivem. Rex, o pai, é um veterano da guerra do Vietnã e sonha continuamente em construir precisamente o castelo de vidro que dá título ao filme. Mas o alcoolismo o mantém preso, mesmo depois de fazer esforços ingentes para se libertar dele. A mãe, Rose Mary, é uma artista da cabeça aos pés, mas talvez por isso, vive presa na sua própria estética e se perde nos seus próprios quadros, tendo dificuldades para enxergar as necessidades das suas crianças.

É comovente a tensão, maravilhosamente interpretada, entre uma Jeannette menina, que adora e admira o seu pai, que, por sua vez, tem fogo

no olhar, é apaixonado por sua filha mais velha e por toda a sua família e, ao mesmo tempo, é incapaz de tornar-se responsável por eles. Dói nas entranhas ver essa menina vendo seu ídolo desmoronar...

A Jeannette adulta volta a se cruzar na vida dos seus pais de forma surpreendente no começo do filme e, depois, à medida que a decisão de casar vai se tornando firme. Aliás, talvez esteja aí um dos pontos mais intrigantes da vida dessa família e da relação de pai e filha. Não avanço mais para não dar *spoiler*, mas, apesar de tudo, de tanto e tanto sofrimento, tanta e tanta decepção, esses dois corações estavam unidos, se conheciam e se amavam profundamente. O difícil – sempre é – o verdadeiramente difícil é, depois de tantas e tantas feridas e cicatrizes, saber e poder perdoar e perdoar-se. E, nesse ponto, acredito que o diretor soube tocar a tecla certa do coração do espectador. O almoço de Ação de Graças já vale o filme.

\* Professor de História da América da Unifesp



**O castelo de vidro (The Glass Castle)**  
**Direção:** Destin Daniel Cretton  
**Roteiro:** Destin Daniel Cretton, Andrew Lanham, Jeannette Walls  
**Elenco:** Brie Larson, Naomi Watts, Woody Harrelson  
**Produção:** Gil Netter Productions (2017)  
**Disponível:** Amazon Prime Video, Netflix